

Editorial

A MORTE
CANSADA

O TEMPO iniciou, no último domingo, uma série de reportagens sobre o passivo representado para a economia e a sociedade brasileira pelos acidentes e doenças do trabalho.

Ontem, um dos temas foi a via-crúcis de operários da mina de Morro Velho, em Nova Lima, em pleno século XXI, para obter uma reparação por terem adquirido uma doença do trabalho.

A doença é a silicose, causada por anos de exposição, nas profundezas da mina, à poeira de sílica, que enrijece os pulmões do trabalhador, levando-o à morte lentamente.

Em 1867, o viajante Richard Burton visitou Morro Velho, explorada pelos ingleses. Então, verificou que os mineiros, negros escravos, trabalhavam sem nenhuma proteção.

Progressos para melhorar a segurança foram feitos, mas eram lentos e pouco eficazes. Numa época, os ingleses, para minorar a tosse dos trabalhadores, criaram uma fábrica de xarope.

A história da mina foi marcada por numerosas greves, inclusive com mortes. Os fatos estão relatados em "Cortina do Ouro", de Roberto Costa, e "A Extração do Homem", de Ione Grossi.

A silicose é reconhecida como a mais antiga das enfermidades do trabalho. Em 2009, a mina ainda devia indenizações por insalubridade a 3.077 trabalhadores.

Segundo o sindicato dos mineiros, cerca de 6.000 trabalhadores comprovaram a doença e receberam indenização. A primeira ação é de 1949, patrocinada por 300 mineiros.

A reportagem é ilustrada pelos casos de alguns mineiros que ainda esperam uma reparação na Justiça. Pericidados pelo INSS, eles recebem, além da aposentadoria, o auxílio-doença.

Muitos atingidos pela silicose faleceram sem receberem uma indenização da empresa. A mina, que foi a mais extensa do mundo e uma das mais antigas do Brasil, foi desativada em 2003.

Conforme a OIT, as doenças do trabalho são causa de 84,4% das mortes. Os mineiros da Morro Velho lutam ainda hoje por direitos adquiridos em consequência de uma doença profissional.

O.PINIÃO

Duke

HOMEM É RESGATADO VIVO DEPOIS DE PASSAR QUATRO MESES SOTERRADO PELA CARGA TRIBUTÁRIA BRASILEIRA.



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O extermínio de jovens negros
do sexo masculino no Brasil

A carnificina exige mudança de atitude imediata do Estado

A CPI da Violência contra Jovens Negros e Pobres, em 9 de abril passado, recebeu o coordenador do estudo Mapa da Violência, o sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, que disse: "Homicídios são a principal causa da morte de jovens negros no Brasil". E acrescentou: "Das 56.337 vítimas de homicídio no país em 2012, 30.072 eram jovens de 15 a 29 anos; desse total, 23.160 (77%) eram negros; 93,3%, homens residentes nas periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos". Os dados configuram um extermínio da juventude de baixa renda, que, no Brasil, coincide com ser negro! E concluiu: "A alta taxa de homicídios no país é atribuída à impunidade, à cultura da violência e à tolerância institucional".

A citada CPI, no último dia 14, ouviu o representante do Ipea, Antonio Teixeira de Lima, que declarou: "O Estado brasileiro conduz uma 'máquina de morte em massa', e os autos de resistência, usados pela polícia, são instrumentos que 'legitimam o Estado a matar'".

O auto de resistência é procedimento-padrão criado pela ditadura militar visando à legitimação do extermínio pelas forças policiais: era legítimo matar de suposto bandido a comunista e alegar resistência à prisão. Continua em vigor.

Afirmou o pesquisador: "O total de mortes violentas no país já ultrapassou a casa de 60 mil por ano. Em dez anos, morreram 70% mais negros que brancos, segundo o Mapa da Violência (2002-2012). Houve redução significativa da taxa de homicídios en-

tre os brancos, enquanto entre os negros o índice aumentou".

Para ele, a "máquina de morte em massa" está dizimando os negros: "Não são apenas indivíduos que estão morrendo, estamos falando de uma raça inteira que é arrastada pela precariedade e pela política de morte instituída pelo Estado brasileiro, desde o período colonial e que persiste até hoje".

No último dia 16, a referida CPI ouviu o representante da Justiça Global, Hamilton Borges, e Átila Roque, diretor executivo da Anistia Internacional -

Auto de resistência é procedimento-padrão criado pela ditadura: era legítimo matar de suposto bandido a comunista e alegar resistência à prisão

que no fim de 2014 lançou a campanha Jovem Negro Vivo, que se apoia em dados do Mapa da Violência 2014, objetivando sensibilizar as pessoas sobre o homicídio de jovens negros, posto que, de 2002 a 2012, o número de assassinatos de jovens brancos caiu 32,3%, o de jovens negros aumentou 32,4%!

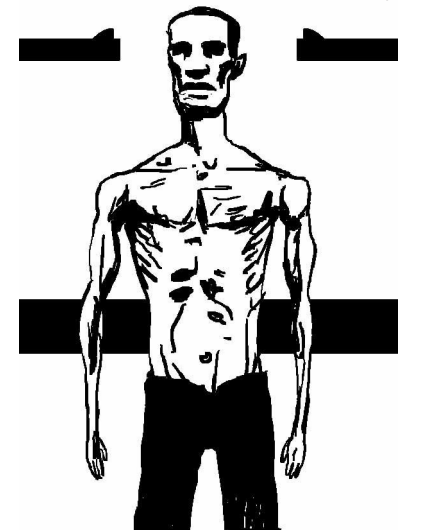
Recente pesquisa do Observatório reafirma tais dados e conclui que "3,32 jovens em cada grupo de mil correm o risco de serem assassinados antes dos 19 anos, no período de 2013 a 2019". Logo, procedem a permanente angústia e o medo de mães de meninos e jovens negros: eles estão marcados para morrer precocemente de

"morte matada"!

A carnificina (ou seria genocídio?) exige mudança de atitude imediata do Estado brasileiro. Na Câmara dos Deputados, tramita o Projeto de Lei 4.471/2012, que aborda com mais rigor a "apuração de mortes e lesões corporais decorrentes das ações de agentes do Estado": exige investigação de toda morte violenta envolvendo policiais; proíbe que a polícia transporte vítimas de confrontos (a maioria "morre" no trajeto); extingue o "auto de resistência" e estabelece a "morte decorrente de intervenção policial".

Não há dúvida para o presidente da citada CPI, o deputado Reginaldo Lopes (PT-MG), do papel da impunidade: "De 1985 a 2014, apenas 5% dos inquéritos sobre chacinas foram instaurados", diante do que propõe "um plano nacional de enfrentamento ao homicídio e à violação de direitos no Brasil".

DUKE



SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolli
PRESIDENTE Laura Mediolli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO
E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo